



Água!

Quente, fria, suave.

Limpida, multicolor.

Servindo ao homem revoltando-se com os abusos do homem.

*Água que grita, chora, trabalha e embala
nosso sono e a alma das lavadeiras, mulhe-
res da beira do rio e do mar.*

*Mulheres cantoras, contadoras de histórias
de vir e de chorar.*

*Que torcem e retorcem seus corpos nas águas
do rio e do mar.*

*Água tu és as lágrimas alegres que derrama-
mos ao deslizarmos na tua queda.*

*Te louvamos com nossos corpos e quando
dançamos te sautelamos*

com nossas bacias que cantam tua nugeta.

O **GESTUAL** das LAVADEIRAS e SO **ORIXÁS**

Iemanjá, desenho de José Lanzelotti.



Maria de
Lurdes
Barros
da Paixão*

É inegável a contribuição de elementos culturais afro-brasileiros na formação do sul da Bahia. Entretanto, a ocupação dos espaços por essa cultura de tradição africana, ainda não se dá de forma significativa nesta Região. Esse fato é verificado, principalmente, pela existência de dois fatores: o primeiro é o preconceito que ainda imprime um caráter exótico e folclórico às manifestações afro-brasileiras; o segundo, a ausência de uma inconsistente polí-

tica pública capaz de priorizar os valores culturais dos afro-descendentes.

Esses valores culturais se expressam das mais variadas formas, seja no ritmo musical, linguagem, dança, alimentação, arquitetura à estética corporal. Trata-se de múltiplas linguagens e simbologias que revelam profundas marcas e valores afro-brasileiros, presentes nas terras do cacau. Torna-se necessário, então, desenvolver estudos que revelem essas expressões, visíveis na memória, na mitologia, na filosofia de vida e em manifestações artístico-culturais, capazes de interpretar o universo e a vida.

Apesar dessa forte manifestação, o que se observa é que valores da cultura europeia ainda são dominantes em nossa realidade, resultado do processo de colonização a que fomos submetidos. A ênfase nas expressões de caráter europeu, em detrimento daquelas de base africana, por muitos ainda consideradas de menor valor, se reflete de modo quase "naturalizado" nas companhias de dança do sul da Bahia. Diante disso, verifica-se que a maioria das companhias de dança da região sul baiana pouco contemplam o dançar que se origina da afro-brasilidade, muitas vezes excluindo dançarinos, produtores e coreógrafos que trabalham nessa perspectiva. Essa realidade vem afirmar a negação e o não reconhecimento da origem africana como parte significante da cultural nacional.

Naturalmente que essa influência tem uma relação direta com a heterogênea presença do negro escravizado no Brasil, não apenas no trabalho da lavoura, mas no trabalho doméstico, mecânico, de vendedor, boiadeiro, carpinteiro e outros. O negro foi também mordomo, carregador,

cozinheiro, artesão, artista. Às escravas eram reservados os trabalhos domésticos de cozer, varrer, servir, lavar a roupa. Vem daí a figura da lavadeira que, por força das mudanças urbanas: do rio para o quintal e a área de serviço; da água de rio e de poço para a água encanada; da lavagem manual para o uso da máquina, vem desaparecendo gradualmente do cenário.

A lavadeira é, portanto, um ator social ainda presente na região sul baiana. Tem uma vinculação muito forte com o elemento água, e a Água, junto com o Fogo, a Terra e o Ar se constituem, no conhecer afro-brasileiro, como elementos referenciais básicos da compreensão de mundo. Isso se verifica porque as práticas culturais nos ambientes religiosos de origem africana têm como princípios básicos as energias elementares da natureza. Esse conhecer confere aos orixás uma representação dos quatro elementos: Água, Terra, Fogo e Ar. O orixá Oxum, por exemplo, é considerado um dos orixás femininos de grande importância na cosmogonia nagô, representando as águas doces, a beleza e a fertilidade. Já o orixá Iemanjá é a divindade das águas salgadas, cuja lenda conta que os seus seios fartos se romperam



Orum, desenho de José Lanzelotti

para dar origem a dois grandes rios, que formaram os mares.

Durante as primeiras observações sobre o gestual das lavadeiras no espaço geográfico de Ilhéus, pude observá-las agachadas à margem do rio, cuja impressão era de um cenário vivo à nossa frente. O cenário era composto de água, mulheres, bacias e o colorido das roupas sobre as pedras e vegetação. No meio desse trabalho surge uma figura imponente - uma mulher negra, lavadeira, rodilha de pano colorido na cabeça, balançando os quadris, com toda sensualidade. Equilibrava a bacia sobre a cabeça com a técnica de corpo adquirida no seu trabalho cotidiano. Ao contemplar as águas, seu olhar de admiração e respeito pairava sobre o rio e seu corpo cansado transformava-se, realimentado por uma energia que não se sabe a origem. Naquele momento, tive a impressão que as lavadeiras estavam diante de uma divindade. Esse cenário permitiu imaginar que a realidade das lavadeiras relacionava-se com elementos da cultura de tradição africana.

Para tentar compreender esse fazer diário e a expressão estética, daí decorrente, busquei apoio em Maffesoli (1995:11), um dos referenciais para uma concepção estética alargada quando acentua: “[...] a sutil ligação existente entre a preocupação do presente, a vida quotidiana e o imaginário, em sua palavra, a estética, entendida aqui em seu sentido mais amplo: o da empatia, do desejo comunitário, da emoção ou da vibração comum”; e em Weill (1986) quanto à gestualidade como linguagem do corpo.

Vale chamar atenção que esse proposta prioriza trabalhar com pessoas que não tenham formação acadé-

mica em dança e com dançarinos com formação na área. Isso se dará pela aproximação de diferentes sujeitos, cujo objetivo é proporcionar troca de experiência e de saberes, podendo resultar em um produto artístico enriquecido. Os resultados alcançados poderão nos possibilitar uma compreensão do senso estético da nossa cultura, o estreitamento de laços afetivos com a cultura regional afro-baiana, além de contribuir para produção de conhecimentos sobre a estética afro-brasileira.

Referências Bibliográficas

- WEILL, Pierre e TOMPAKOW, Roland. *O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MAFFESOLI, Michel. *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- PAIXÃO, Maria de Lourdes. B. Magia D'Água- *Abertura da Coreografia do Espetáculo Magia D'Água*.



Foto: Geraldo Borges